



REDACTOR PRINCIPAL
Alexandre Vieira
EDITOR
Joaquim Cardoso

Propriedade da União Operária Nacional
(Formulário da lei que regula a liberdade de imprensa)
— Oficinas de impressão — R. da Atalaia, 151 —

Redacção e administração — Calçada do Combro, 38-A, 2.º
Lisboa — PORTUGAL
End. telegr. Talha — Lisboa • Telefone: 7

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

A IDEIA LIVRE

Um sintoma: A polícia quer pôr fim à existência do *Avante!*. Não se trata duma apreensão ocasionada por publicar este nosso colega da tarde matéria considerada subversiva no critério estreito da polícia. Trata-se, antes, da apreensão sistemática de todos os números do *Avante!*, digam eles o que disserem, mostrem-se eles violentos ou cordatos, revoltados ou serenos, fogosos ou resignados. A polícia aprende, aprende sempre, dias a fio. O que ela pretende é liquidar de vez um jornal que lhe desagrada, que a incomoda, que lhe denuncia a tacañez liberticida. A orientação do *Avante!* não coincide, decididamente, com a orientação das polícias que o apreendem. Tampouco coincide com a orientação dos governantes, dos burgueses, dos políticos. E como a voz destoante da imprensa de oposição incomoda a digestão dos burgueses, perturba a atitude da policia, ou põe em perigo a estabilidade dos governantes, recorre-se à mordaca, à perseguição, ao regime, tornado efectivo, da apreensão do número de cada dia. E' simples e cómodo. Ao mesmo tempo é infame. De maneira que o processo está perfeitamente no âmbito dos dominadores, reunindo, como reune, esta tripla qualidade de ser cómodo, de ser simples e de ser infame. Sufocada a imprensa, atafalado o último protesto, metidos os sabres da polícia a empernar as engrenagens das máquinas de impressão onde os jornais de oposição se tiram, o ambiente social ficará muito outro. Conseguir-se-á finalmente o silêncio dos que gritavam. E' a mordaca. E' o arbitrio. E' o despotismo. Deixá-lo. Apertamente, pósto que não há protestos, é a paz. Pósto que não há vozes discordantes, é a concórdia. E os parlamentares, entre duas larachas trocadas nos Passos Perdidos, ou entre dois disparates proferidos na Câmara, dirão que está restabelecida a ordem, e felicitarão o governo. A ordem deles é assim. Parecida com aquela que, em certo tempo, reinou em Varsóvia. Mas é a ordem. — «Vocês duvidam?» — perguntará o ministro ou o polícia, visto que o critério de ambos em tudo se irmanam. — «Vocês duvidam da concórdia? Apontem-me então os que protestam!» E ninguém se apresentará. Apertamente ninguém discorda. Mas no fundo de calabouços lóbregos jaz uma multidão que não sou reivindicar direitos, (e não são ainda os seus clamores suficientemente poderosos para atravessar as muralhas das cadeias). O silêncio persiste, porque os enterros, embora ainda vivos, não falam. E a outros, que por única arma possuam uma pena, foi-lhes arrancada essa pena, que era a sua lança, que era o seu escudo, que era a razão suprema da sua actividade.

Que mal fazia aos poderosos o jornal cuja publicação agor querem impedir para todo o sempre? O *Avante!* nada mais era que um rectângulo de papel impresso. E um rectângulo de papel impresso diferença-se de um rectângulo de papel em branco apenas por ter letras, por ter palavras. Ora a reunião de palavras serve à exposição de ideias. E o *Avante!* defendia ideias. Eis o mal, eis a causa da perseguição que lhe foi movida. As ideias são germes de revolta, e já a igreja quis subjugá-las a razão com a supremacia da fé. — «Não raciocineis, acreditai!» — diziam os papas, e impunham os jesuítas. A fórmula dos que hoje mandam não variou na essência. Hoje diz-se: — «Não raciocineis, aliás calabouços». Ora quanto à igreja, metram-se os da plebe a raciocinar um dia, e deitaram abaixo o despotismo sacerdotal ou jesuítico. O padre outrora dominava e comia. Hoje come ainda mas já não domina. E a causa da sua derrota foi a razão do homem, originando a ideia dos governantes de hoje põem as barbas de molho, perante os exemplos do passado. Se o povo raciocinando sobre a religião, destronou

II Congresso Nacional Operário

Em virtude de persistir o movimento ferroviário, não pode, ainda hoje, a comissão organizadora do II Congresso Nacional Operário indicar a data da sua realização, que no entanto se julga seja muito em breve.

Vem, porém, verificando a comissão que, como aliás esperava, continuam a afilur as adesões, o que é indicio seguro do máximo interesse que a organização operária manifesta pelo Congresso. Assim, não será exagero afirmar mais uma vez que o próximo Congresso Operário, a efectuar brevemente em Coimbra, será o mais importante de quantos se tem realizado até hoje em Portugal.

Uma nota importante, para a qual a comissão organizadora chama a máxima atenção de todos os sindicatos: apesar da comissão ter elevado já de um escudo para dois a cota de adesão ao Congresso Nacional, verifica-se, porém, que, não só esta cota como a de um centavo por sindicato para custear as despesas a fazer com os delegados ao Congresso Internacional de Amsterdam não são suficientes a cobrir todas as despesas que a comissão é forçada a fazer a lançar a todos os sindicatos aderentes ou que ainda venham a aderir, mais a importância de um escudo para as despesas a fazer com o Congresso Nacional Operário, e a de um centavo por sindicato para as despesas a fazer com os delegados ao Congresso Internacional.

A comissão espera que as associações cumpram de bom grado esta resolução que as circunstâncias imperiosas do momento determinam.

Algumas associações aderentes já espontaneamente contribuíram com a cota de dois centavos por filiado para o Congresso Internacional, restando-lhes agora apenas remeter à comissão a cota de um escudo para o Congresso Nacional.

Mais associações aderentes: Rurais de Portalegre, Empregados do Comércio e Indústria de Setúbal, Sindicato União dos Empregados do Município de Coimbra, Francisco Baptista Duarte, Mário Campos, Alfredo Soares da Silva e Marilinos de Cezimbra.

A Itália reata as relações comerciais com a Alemanha

ROMA, 28.—Foi decretado o reatamento das relações comerciais com a Alemanha; os bens pertencentes aos inimigos serão mantidos em sequestro até à aplicação das disposições definitivas, as quais devem ser tomadas pela Conferência de Paris.

NOTAS & COMENTARIOS

Amarelos

Retomaram o trabalho os marceneiros, entrando, após 53 dias de greve, nas oficinas de 114 industriais que declararam aceder às reclamações apresentadas. Coisa de uma dúzia de industriais não transigiu e por isso a greve manteve nas casas respectivas. Nada satisfatório ficou este grupinho de intransigentes industriais com o aspecto que a questão tomou agora. Moem-se e arranharam-se os homens, desesperados. A ponto tal que andaram ontem pelas portas dos industriais que laboram, a chamar-lhes amarelos, por terem accedido às reclamações. Estão danadas as intransigências cristãs. A ponto de esquecerem aquela famosa «liberdade de trabalho» tão defendida por eles quando se trata de assegurar traições operárias.

Acidentes de trabalho

Estava marcada para o último domingo a eleição dos vogais operários ao tribunal dos acidentes de trabalho, acto que regularmente se effectuaria às 11 horas da manhã, devendo abrir o tribunal às 9 e estar já constituído às 10. Os delegados das associações operárias compareceram. Mas foram eles as únicas entidades a comparecer. As outras brilharam pela ausência. A pontos que, tendo já soado as doze badaladas do meio dia, sem que o tribunal estivesse constituído, por bem houveram os delegados operários vir-se-embora, lamentando o tempo perdido em vão espera. O tribunal dos acidentes de trabalho, como, de resto, quaisquer outras instituições de protecção operária, funciona da linda maneira que se vê. Parece que mais vale à gente tirar dali o sentido, averiguado que não há maneira de fazer entrar nos eixos a caranguejola.

A intervenção na Rússia

Na véspera da sua partida para a África, o general Smuts falou desta maneira à imprensa inglesa, a respeito da intervenção na Rússia:

«A Rússia constitui um problema ainda mais obscuro e mais difícil que a Alemanha. E divide muito que possa resolver-se esta espécie de política que temos adoptado no Oriente, a basear-se em informações que possuio. A Rússia não pode ser salva senão pelos próprios russos, trabalhando segundo as ideias e os métodos do seu país. As nossas forças militares, as nossas longas contribuições em tanks e outro material de guerra podem reformar temporariamente um dos períodos em luta, mas a extensão real do problema vai muito além de semelhantes expedientes. Deixem a Rússia em paz, levantem o bloqueio, adoptem uma política de neutralidade cordial e imparcial em relação à todas as facções. Pode muito bem suceder que a única verdadeira esperança da Rússia esteja num regime de soviets, atenuado e purificado. E isto pode ser muito superior ao zarismo, para o qual tendem inevitavelmente a nossa actual política. Se, numa palavra, nos compete entrar na cena russa, façamo-lo como amigos e benevolentes auxiliares, imparciais, e não como partidários militares ou políticos. Sejam pacientes perante a Rússia, deem-lhe tempo e protecção, e esperem os resultados da sua convalescência.»

A apreensão de "A Batalha"

O diário *O Setúbalense*, de Setúbal, diz o seguinte no seu número de 26 do corrente, acerca de *A Batalha*:

Não recebemos, hoje a habitual visita de não apreciado colega. Como o governo fez anunciar que ia tomar medidas extremas contra certos jornais, que não pertencem ao sindicato dos banqueiros, demofiamos que algum preloco lhe succedesse e contra tal violência protestamos, como acérrimos defensores das liberdades de opinião e de imprensa.

A HIDRA...

Perseguições ao "Avante!"

A polícia impediu ontem, novamente, a sua circulação

Há já dois dias que a polícia não deixa circular o nosso presado colega *Avante!* diário operário da tarde. Os esbirros, sem a ninguém dar satisfações, todos os dias cercam a oficina de impressão, impedindo que a tiragem do *Avante!* se faça. Não compreendemos a razão de tão inqualificável violência, e que bem demonstra que vivemos em pleno regime democrático.

Existe uma lei de imprensa. Pelos delictos que porventura cometam, estão os redactores daquele jornal, prontos a responderem-se. Para que, pois, tais perseguições? Já, porventura, algum critério que possa justificar o procedimento da polícia, que decerto obedece a ordens superiores? Tem a classe operária mantido sempre uma atitude correcta, uma atitude serena. Ela só se tem manifestado quando a sua dignidade está em jogo. Para que provocamos os governantes a irritação dos trabalhadores? Não compreendemos eles que, com essas perseguições, se alguém perde, são as próprias instituições, cada vez mais divorciadas, devido às truculências dos seus servidores, da alma popular?

Estão criando as autoridades uma atmosfera de terror, de repressão feroz à mais inocente expressão da liberdade de pensamento. Exerce-se sobre os jornais dos trabalhadores, com a maior impudência, a odiosa censura prévia, mil vezes mais repugnantes do que a censura de que foi vítima a imprensa durante a intervenção na guerra. Com isso nada lucram os que governam. Pelo contrário,

A GREVE FERROVIARIA

A firmeza dos ferroviários corre parelhas com a intransigencia do governo e da Companhia

O conflito apresenta um novo aspecto, tendo os grevistas a maior confiança na vitória final que se aproxima, depois de 27 dias de extraordinária luta. Nutrem os ferroviários a esperança de que o movimento entre na fase decisiva esta semana ainda, fundando-se no seguinte telegrama afixado ontem no Sindicato Ferroviário:

ACAMPADO, 27.—Camaradas! Mais um pouco de coragem, que este «comitê» vos anuncia dentro em pouco tempo uma grande vitória, o máximo até sexta-feira, o que fará arrender aqueles que nos tem tido a raiva e manifestado tanta traição. Firms! — O comité central.

Este telegrama revela a vontade inabalável de vencer, que, de resto, nunca abandonou os grevistas que, agora mais do que nunca, se impõem do respeito dos operários organizados, pela sua resistência, pelo admirável espírito de sacrificio que os tem acompanhado.

A vitória, todos o compreendem, não pode tardar, porque a Companhia, mantendo-se num terreno falso, está em piores condições de resistir, apesar do apoio governamental.

O «comitê» sabe, como que conta, e o futuro dirá quem tem razão. Esperemos, e serenidade.

Uma viagem de Lisboa a Coimbra

Eis como um passageiro, que, de comboio, foi de Lisboa a Coimbra, nos relata a interessante viagem:

«Ao entrar na «gare» do Rocio chegava, comandada por um aspirante, uma força de infantaria 5.ª. Depois de ter tomado o meu confortável lugar na carruagem, a porta abriu-se bruscamente, e o comandante da aludida força distribuiu duas praças armadas por cada um dos compartimentos, que iam acompanhar presos, disseram-me.

«Os que presas?» — pergunta-se.

«Os que vão num vagon, a frente da máquina» — responde-se.

Confirmava-se, pois, a monstruosidade para mim essa confirmação foi um choque doloroso. Envergonhei-me de estar ali. Uma nuvem de indignação toldou-me o espirito. Era, porém, forçoso marchar, ainda que a minha consciência me ordenasse o contrário. Assim foi impunha a missão que ia encarregado de cumprir.

A's 10,30 arrancou o comboio, arrastadamente, como que a meio, as carruagens de 3.ª todas à frente, facto revelador da maldade burguesa, que se mostra sempre, ainda mesmo em face da morte. Com esta disposição das carruagens pretendia-se, no caso de um descarrilamento, nada menos do que o esmagamento pela máquina e respectivo tender, do vagon condutor dos grevistas presos. Do choque resultaria o esfacelamento dos vagões que à máquina se seguissem, e o trituramento dos passageiros, a dor e a angústia para as respectivas famílias.

Os passageiros das carruagens da 2.ª que se seguem às de 3.ª e os dos da 1.ª que iam na cauda, menos sujeitos, sofreriam apenas, talvez o susto.

«Porque semelhante disposição? Aca-so a vida dos ricos é mais apreciável do que a dos pobres?»

E' porque uns tem dinheiro e os outros não. E segundo o moral burguês os únicos que tem direito à vida são os que possuem; os restantes, é fardadagem, cujo valor é igual às areias que calcamos.

«O governo está ao lado deles, diz um passageiro, porque todos são a mesma coisa. Entendem-se todos para nos roubar.»

Ao chegar ao Entroncamento foram os soldados mandados sair para a «gare» onde, em vez de comer, lhes disseram que em Coimbra lhes seriam abonados \$30.

Outro comboio que vinha do Norte conduzia três grevistas presos, a frente, num vagon descoberto, acompanhados duns sete ou oito soldados, com um sol abrasador.

As fisionomias destes camaradas revelavam, não acabrunhamento, mas o desespero, a cólera, a decisão estoica de quem sofre por uma causa justa e humana.

Soubes que aos presos que iam no comboio em que eu seguia, lhe foi negada a comida durante a viagem. E' o cumulo da violência, o complemento da monstruosidade patronal e governamental!

Pelas estações não se via nenhum traidor. Tudo desoladoramente paralisado. Apenas em algumas cancelas se viam as guardas, mulheres semi-esfarrapadas, o cunho da miséria no rosto marcado.

...E mais nada... — Um passageiro de 3.ª.

Julgamos suficientemente eloquente o depoimento desta testemunha ocular, para que procuremos ampliá-lo. Os leitores que analisem a que grau de tortura os governos republicanos, eleitos pelo povo soberano para sua defesa exclusiva — segundo eles apregoam — submetem os trabalhadores que pedem um pouco mais de bem-estar para si e para os seus. Se fosse em tempo de eleições prometiam-lhes pão a três vinténs e batallha a trinta réis. Mas como as eleições estão longe...

O vagon fantasma

SACAVEM, 27.—Chegaram aqui os 4 ferroviários que na quinta-feira foram detidos e seguiram até Coimbra no va-

gom-fantasma, mostrando-nos o alimento que lhes deram 22 horas depois da sua captura. Constatava de pão em tal estado que nem um irracional o tragava, e chouriço com areia que estes camaradas guardaram como reliquia.

Nota officiosa do Comité Central

Continua o movimento, ordeiro e pacífico. Não há transigencia dos governantes e assim continuaremos na expectativa, firmes e solidários.

Do Entroncamento, Beira Baixa, Oeste, e Gaia, incluindo todo o Norte, tem este comité em seu poder comunicações de que está tudo firme como no primeiro dia de greve.

«A propósito de um manifesto que para aí appareceu, assinado por um grupo de republicanos, respondemos: Compreendemos a sua musica e sabemos mesmo a força de patriotismo que enche a barriga de tais individuos; até mesmo quem manipulou tanta calúnia.

A tal gente de 1914 a que o papelucho alude não é esta, é outra. Os que levantaram o Sindicato e o moral do pessoal da queda de 1914 são os que agora lutam, são os moderados ou sindicalistas, como lhe chamam, mas não são traidores. Nos 5.600 contos que apregoam, estão incluídas todas as regalias até agora concedidas e ainda a misérrima subvenção que actualmente se pede.

Ouviram, patrióticos azues e brancos?! Os que dirigem este movimento são homens sem mancha na colectividade, assim como na sua vida pública e particular.

«Foi votada precipitadamente a greve, em principio? Talvez. Mas, se os autores do manifesto se desmascaram, ouçam-se os seus argumentos e depois se julgará.»

«Dito pela própria Companhia, paga por ano ao seu pessoal 7.784 contos e tal. Do que ela paga é que a mesma alega que nós pedimos presentemente ainda não chega a 5.000 contos, cabendo portanto dentro dos 17 % concedidos pelo sr. Machado dos Santos em 1918; isto, confirmado por um acopiasta da Companhia, ficando apenas uns 9.000 contos para satisfazer os seus encargos, além do pessoal.»

E ali os autores do manifesto a verdade, que não tem contestação possível. O pessoal das oficinas é empregado da C. P. para todos os efeitos, mas é ela quem lhe paga, mas o que este tem muito elevada é a nobreza de carácter, pois não são vendilhões de consciências. Bem sabemos donde partem tais deslambres, mas para o trabalho não se vai sem que nos sejam satisfeitas as nossas reclamações, entendam-se?

Estejam descansados que pela fome não nos rendem, porque ainda não esgotamos os nossos recursos, e quando se esgotem...

Imaginaram, que nos aniquilavam ao primeiro impulso, mas isso não aconteceu e cá estamos até que o governo queira ou a Companhia consinta em os dias da greve que sejam pagos, e concedidos 9.000 réis para subvenção e os outros 12.000 incluídos no ordenado sem se exercer represálias sobre o pessoal e mais umas regalias de carácter moral que não acarretam despesa, que contém já estarem concedidas, mas tudo isto devidamente assinado. Façam logo, e verão que a greve tem um fim como por encanto. De contrário, não!

Sobre as lenhas, tem o sindicato provas esmagadoras que a seu tempo entrarão em scena. Por enquanto, ainda é cedo.

«Recebemos um telefonema que além de ser animador, traz uma iniciativa de todo aproveitável e que este comité regista para, pôr em pratica se for necessário.

Não temais! Avante! Viva a greve geral! — O Comité Central.

Tudo normalizado então?

Companheiro redactor. — Para mais uma vez se verificar a regularização dos serviços na C. P., vou contar-lhe o seguinte facto: a que peço de publicidade na *Batalha*. Na sexta-feira passada, 25, uma família de cinco pessoas dirigiu-se à estação do Rocio, a fim de comprar cinco bilhetes para Alferrarede, devendo embarcar no sábado de manhã, o que fez.

Porém, pouco depois daquelas pessoas terem embarcado, foi-lhes dito que só poderiam seguir até ao Entroncamento e que dali para Alferrarede só na terça-feira seguinte!

Quere dizer: de Lisboa a Alferrarede demorava a referida família cinco dias! Não demorou, porque apesar de ter pago a sua passagem até Alferrarede e só haver seguido até ao Entroncamento, alugou um carro para a transportar a casa.

E se aquela família pedisse uma indemnização à C. P., por a ter ludibriado? — Um leitor assíduo.

Nota officiosa do Sindicato Ferroviário

Ao contrário do que se propala, as reclamações do pessoal da C. P. não importam em 5.600 contos, mas apenas em 1.200. Dos 17 % sobre as tarifas que o sr. Machado Santos concedeu em 1918, exclusivamente para o pessoal, ainda devem sobejar cerca de 500 contos, o que reduz a 700 contos os encargos contraídos com as actuais reclamações do pessoal. Os ferroviários estão em greve quasi há um mês. Até agora tem-se sustentado do ordenado recebido em Junho — os que o receberam — do que tem pósto no prego e do

O proletariado consciente

perante as perseguições do governo à imprensa sindicalista

..: sindicalista ..:

O comício de amanhã

Reuniu a comissão administrativa da União dos Sindicatos Operários, que se occupou ainda da expulsão de Artur Parente e das perseguições aos jornais *Avante!* e *Batalha*. Ontem, foram entregues no governo civil, às 16 horas, todos os documentos exigidos, segundo a lei, para o comício que a U. S. O. de Lisboa promove amanhã às 18 horas nos terrenos do Parque Eduardo VII.

Hoje realisa-se na sede deste organismo mais uma sessão de protesto contra a attitude das autoridades, pois ainda ontem o jornal *Avante!* foi novamente impedido de circular. Nesta sessão usará a «palavra» representantes das Federações de Indústria, da U. O. N., U. S. O. e dos sindicatos que não tenham Federação constituída. E' necessário que bastantes camaradas compareçam a esta sessão, a fim de demonstrarem a solidariedade aos jornais operários *Batalha* e *Avante!* A sessão começará às 21 horas prefixas.

Artur Parente

Para apreciar a expulsão do país do camarada Artur Parente, operário manufatureiro de calçado, reuniu ontem em assembleia geral a Associação de Classe dos Manufatureiros de Calçado, aprovando uma moção cujas conclusões são as seguintes:

1.ª Manifestar o seu protesto contra a arbitrária medida do governo expulsando do país o seu consócio Artur Parente.

2.ª Dar todo o apoio à direcção para tratar, por todas as formas, de ser anulada tal arbitrariedade; para que Artur Parente volte ao país o mais breve possível e, dar todo o apoio à União dos Sindicatos Operários no movimento encetado de protesto contra as perseguições feitas aos militantes operários e aos jornais *A Batalha* e *Avante!*

Na Itália

O presidente do conselho condena a agitação

ROMA, 27.—Falando no Senado, o sr. Nitti, presidente do conselho de ministros declarou que está firmemente resolvido a manter a ordem no interior do país, e que condena toda e qualquer agitação. «A Itália — acrescentou — tem necessidade de crédito no estrangeiro, mas 8 a 10 bilhões, para a aquisição de matérias primas, para o que pedirá o auxílio amigável dos Estados Unidos. E' preciso não perturbar as nossas relações com os países com os quais combatemos, e preciso não dizermos que pelo facto de não termos satisfeita uma das nossas aspirações nacionais, perdemos a guerra. Ganhamos a guerra e abatemos o inimigo secular que se dizia invencível. Agora devemos viver austera e reduzir todas as despesas, restaurar as nossas finanças e desmobilizar o mais depressa possível.» O senado aprovou pela unanimidade de 102 votos: ordem do dia de confiança no governo. — H.

que lhes tem emprestado. Se lhes não pagam o mês de julho, do que se sustentam em Agosto? Mas fazem a dedução em doze prestações — dizem. Analisemos essa hipótese: A média dos vencimentos na C. P. é de 45 escudos mensais. Os maquinistas, com cujos vencimentos a C. P. tem especulado, apenas são 300 entre 8.000 empregados. Dividindo esses 45 escudos, somados com os 12 escudos da subvenção de 1918, cujo primeiro mês, depois de fixada no vencimento, é descontada para a Caixa de Reformas, temos que o pessoal, que incontestavelmente está mal pago, ainda sofreria durante um ano o desconto mensal de \$470. No entanto, o governo entregaria a feliz Companhia milhares de contos à custa do país e como escárnio à classe ferroviária.

Somos informados que hoje deve ser requerida a falência da C. P., no Tribunal do Comércio, por um obrigacionista amigo dos ferroviários.

Na Póvoa de Santa Iria Os ferroviários expulsos das suas residências

POVOA DE SANTA IRIA, 28. — A greve dos ferroviários continua sendo aqui o assunto do dia, devido às arbitrariedades cometidas pela força armada. O pessoal da estação foi pela força coagido a abandonar as suas residências por estas serem propriedade da C. P.

A maior parte do pessoal menor da estação e via foi detido, e os restantes ferroviários viram-se forçados a abandonar as suas casas e a povoação para que não fossem presos, não por cobardia, mas, simplesmente, porque é necessária o ser concurso a causa que defendem. Foram já restituídos a liberdade, quasi todos os ferroviários detidos, continuando, porém, vigiados de perto, a excepção do sub-chefe do distrito de via, que foi preso novamente por ter «arrancado os selos apostos pela autoridade à porta da sua habitação», o que é falso, segundo nos disse aquele nosso camarada. Também ontem, pela manhã, foram detidos quatro individuos, todos menores, a excepção de um, por terem chamado amarelo a um factor de 2.ª, que vinha passando acompanhado por um soldado armado de pistola, e que se encontra aqui fazendo serviço, bem como um aspirante a factor. Também foram soltos quasi em seguida.

Não procuramos saber o nome desses traidores, que representam um desdouro não só para os ferroviários mas para toda a organização operária nacional. E não procuramos averiguar os

As greves

O conflito dos cerâmicos

SACAVEM, 27.—C.—Para mais uma vez afirmar a sua persistência na luta que encetaram há quasi três meses, red-nham hoje os Oleiros para ver se entre esta numerosa secção se verificava a traição de alguns camaradas.

Todos os grevistas foram unânimes a prosseguir na luta até final, que se supõe não tardar muito, pois a louça feita está a acabar, e a fábrica não pode continuar nas condições em que está laborando, parecendo à classe que o industrial no encara de bom grado a comissão que com tanto acerto tem tratado do conflito.

Foi nomeada uma comissão mediadora, composta de 5 membros, 3 dos cerâmicos e 2 da comissão organizadora da associação dos operários locais, esta comissão vai officiar ao industrial pedindo-lhe uma entrevista.

O correspondente de *A Batalha* protestou contra as violências do governo.

A sessão terminou com vivas à classe trabalhadora e à imprensa operária.

Marceneiros

E' inquebrantável a energia com que estes camaradas continuam lutando pela conquista integral das suas reclamações, sendo digno de registo que esta classe que não tinha a preparação adequada que alguns elementos lhe desce-lavam, se conservou em greve geral durante 52 dias, com o apoio moral de todos os que mourejaram a solidariedade monetária de muitos trabalhadores. Nem as manipulações dos patrões, nem a hostilidade do governador civil e seus subordinados, conseguiram desmoralizar os marceneiros que afirmam compreenderão que unidos tudo conquistarão.

Ontem, dia escolhido pelos grevistas para o retorno do trabalho nas casas que se comprometem a ceder às reclamações, tiveram os operários a prova mais conclusiva do quanto valem alguns individuos que exploram a indústria, pois que, supondo os esfaumados e desmoris, quando estes se lhe apresentavam para recomençar o labor, um pequeno grupo desses senhores, alegou vários motivos de espera para a readmissão, chegando alguns a propor que trabalhassem sem o aumento até ver! Mas dura decepção para eles! Os operários, *in-continenti*, voltaram-lhes as costas, dispostos a tudo, menos a satisfazer os desejos daqueles patrões que a breve trecho ficarão sem pessoal certo. Também alguns industriais dos não aderentes, admitiram hoje o seu pessoal aderindo às reclamações. Junto das muitas casas que abriram, appareceram grupos de industriais que chamavam amarelos aos seus colegas, sem que a policia tão arguta em garantir a liberdade de trabalho, procedesse contra estes agitadores.

Na sede da Associação funciona já o Bolsim de Trabalho, sendo grande o número de casas que tem vagas, podendo as casas que necessitem operários requisitá-las na T. da Agua de Fôr, 20, 1.ª. Hoje reúne a classe em assembleia magna às 20 horas, para apreciação do movimento. Ontem, por lapso, faltou mencionar, como ficando em greve, a casa Carlos Marques da Silva.

seus nomes porque nos repugnava estar em contacto com esses dois vendidos, aos potenciais de Santa Apolónia.

O povo da Póvoa encontra-se indignadissimo com a força que aqui se estaciona, devido às represálias que tem exercido sobre alguns habitantes da povoação, indevidamente.

Cosinha comunista

Na sede do Sindicato Ferroviário receberam-se mais as seguintes quantias para auxilio à Cosinha comunista dos grevistas:

Quê, Bairro Social do Arco do Cego, 7595; Lista 162, Narciso dos Santos, 3508; Lista 72, José Frederico de Aguiar, 4543; Pessoal da Metalurgia Alfredo Alves, 2555; Anónimo, 2510; Praça da Ribeira Nova, 7575; Pessoal da Exploração do Pôrto de Lisboa, 49550; Lista 160, 20; Adelino Alvaro Nunes, 550; Arnaldo da Vivinha, 550; Caleteiros e serventes (Calçada do Carriche), 1514; Lista 12 entregue na cosinha, 10500; Lista 18, idem, idem, 3570; Pessoal da Companhia L. Bonserre Chapellaria, 2570; Lista 74 entregue na cosinha, 580; Lista 73, idem, idem, 1580; Fabrica Tabaco Santos, 4523; José Antunes, 450; Parque Aeronautico de Alverca, 5580; Ferroviários de Alverca, 10520; Viuva do camarada Júlio Castro, 3500; Lista 151, 4575; Camarada Galbós, 520; Total 133528,5.

Um comerciante deu 5 quilos de macarronete e 5 quilos de grão de bico, para a cosinha comunista.

Os comerciantes e armazéns do Póço do Bispo e Braço de Prata tem correspondido nobremente ao apelo feito por uma comissão de ferroviários da estação de Braço de Prata. Assim, foi recebida até hoje a quantia de 70 escudos, uma carroçada de lenha e outros generos. A comissão da cosinha está muito grata para com os camaradas que a tem auxiliado na angariação de donativos e generos, bem como a todos que se dignaram enviar a sua lembrança ou donativos, salientando, por esta forma, o gesto dos comerciantes e armazéns do Póço do Bispo e de Braço de Prata.

"O Socialista"

</

Chiado Terrasse
Soirée da moda
Penúltima exibição
As últimas aventuras de Maciste
As jornadas
1—Assassinato do Conde de Genzani, 6 p.
2—Desgraças de Gavichioni, 4 p.
3—A Falsa Condessa, 5 p.
O ROMANCE DE GLÓRIA
15.º e 16.º episódios e outros sucessos
Brevemente—O ALVO TRÁGICO

Últimas noticias

Política hespanhola

MADRID, 28.—Na sessão em que a comissão vai proceder a votação, para

constituição definitiva, o ex-ministro da Cierva, falando em nome do grupo parlamentar conhecido pela designação de "maioria Ciervista", disse que todos os actos do actual gabinete mostram, neste, desviando-se desse grupo a única e exclusivamente o apoio dos grupos da esquerda. Nestas condições, declarou categoricamente que se o gabinete mantém a sua atitude a respeito dos conservadores e a respeito das liberdades, estes vers- se hão obrigados a fazer opposição absoluta a todos os actos do projecto incluindo o orçamento. O presidente do conselho, sr. Sanchez T. respondendo ao sr. La Cierva disse que um velho parlamentar.

Adavida, nunca tido um gesto dum liberal, e que o sr. La Cierva não tem o poder de fazer. Há apenas 8 dias q' amamos no governo, as paixões já se tinham acalmado; mas eis que o regresso do sr. La Cierva as faz reverter

s da oposição, os mais extremos, u
ôrdo fecundo para o labor parleme
e nenhuma atitude do sr. La Cier
ia capaz de mudar isto. O gesto

La Cierva é uma questão de tempo, mas devo adverti-lo de que ele é com um temperamento violento e se consegue rebaixar o prestígio do regime parlamentar.

tos contra 107 dados ao presidente e sai, o marquês de Figueirôa. Os republicanos e socialistas abstiveram-se de votar. O total dos votos foi de 29.

TEATROS & CINEMAS

s no Trindade, o que vem mostrar que a opereta só tem a lucrar com a repressão bem posta e na interpretação se ceder a que anteriormente teve, pode ser-se que lhe não é inferior. Assunto p

tes, ornado por música e dança portuguesa, não podia o público deixar para ela os maiores e mais entusiásticos aplausos. Hoje repete-se e registra o encheite.

— O ter voltado a lindíssima opereta *Mambo* a ser executada a orquestra, mudou-lhe novas encheites, para regosio e apreza que em boa hora dela fez representar e fazer efeito todas as razões existem por esse facto se de, visto que a peça é um conjunto de atractivos invulgar.

Eden, a revista *Aqui d'El-Rei*. Com nova atracção repete-se hoje a revista das duas recitas da moda.

Políticas

ção, Irene Gomes e Antônio Gomes. Tendo terminado o prazo da gerência conferida ao sr. Lino Ferreira, por decreto de 30 de novembro do ano findo, e produzindo-se a eleição, para diversos cargos, caiu a escolha para administrador da

... sociedade do referido teatro, no
...s Gaiharido, tendo como tesoureiro e
...o do conselho teatral, o sr. Inácio
...to. Da comissão do cofre de subsídios
...corros, o tesoureiro ficou sendo o
...Agusto de Melo, tendo como secretári
... Luis Pinto, e vogais os srs. Pato Mo
... Carlos Posser.

GINASIO—A's 21,30—"O Amigo Primo".
EDEN—2 sessões, às 20,45 e 22,45, com o filme "Aqui d'El-Rei".

POLITEAMA-A's 21.15.—Miss Diana
media lírica.
COLISEU DOS RECREIOS—Ani-
mafo e variedades.
SALAO FOZ-A's 20.30.—As dançar-
eancas Timmandra e Dorelys,
Montes, Hermanos Elias e Emilia Im-
o.
OLIMPIA—Animatógrafo e concerto.
CINEMA CONDES—Animatógrafo e c-
rato.
OLIMPIA DA TRINDADE Variedades

TEATRO RECREIOS DA GRAÇA
 às 21,30—Aos domingos, segundas e quater-
 feiras, a opereta em 2 actos (arre-
 pendo de Rosas, e variedades.

PROMOTORA—Espectáculos e concessões domingos, segundas e quintas feiras
SALAÇÃO IDEAL—A's 20,50—Animatôgrafo
CHANTECLER—Animatôgrafo, fitas fílmicas.
CASINO RECREATIVO DO MONT'—As quintas feiras e domingos, pátio, jogos e outros divertimentos.

"A PROIBIDADE SOCIAL,"
R. dos Lagares, 26, 1.º
Autorizado pelo § 1.º do artigo 37.º
estatutos, convoco a assembleia geral
para as 20 horas, de 31 do corrente,

Os trabalhos seguintes:
1.º Leitura e votação do relatório da
Comissão do ano próximo passado.
2.º Eleições para preencher cargos va-
cantes na gerência actual.
Os documentos de 1918 acham-se pate-
nentes na sede para serem examinados pelos
membros.
Lisboa, 28 de Julho de 1919.
O Secretário da mesa,
Raul de Silva